

CICLO DE CINEMA URBANO | SESSÃO 1

CIDADES SONORAS

Cristiano Pacheco

Doutorando em Sociologia - Cidades e Culturas Urbanas | Universidade de Coimbra

e-mail: cristiano.pacheco38@gmail.com

No dia 29 de abril de 2021, ocorreu a primeira Sessão do Ciclo de Cinema Urbano, com o título “Cidades Sonoras”. O Ciclo é uma iniciativa do curso de Doutoramento em Sociologia – Cidades e Culturas Urbanas, com apoio direto do Centro de Estudos Sociais e da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. É um evento que acontece desde 2016, com exibições de curtas e longas-metragens sempre propondo temáticas relacionadas com as diversas complexidades das cidades, como conflitos, transformações e os fenómenos inerentes à problemática das questões urbanas. Com a ideia de alargar e enriquecer o debate sobre os filmes a serem exibidos, a versão 2021 do Ciclo de Cinema Urbano apresenta-se com dois blocos de exibições. O primeiro bloco iniciou com a temática centrada nas “Cidades Intangíveis”, já o segundo bloco está previsto para setembro de 2021, onde serão exibidos filmes acerca da temática das “Cidades em Disputa”. Inicialmente as sessões sempre aconteceram presencialmente, mas devido às questões quanto aos confinamentos e distanciamentos físicos inerentes à pandemia, o Ciclo precisou se adaptar ao desafio de adequar as apresentações a um novo formato on-line, mas de certa forma isso permitiu um alcance mais amplo quanto ao público e com certeza um debate mais rico.

Na primeira exibição, o Ciclo abriu com uma sessão em torno da temática dos sons da cidade, seus silêncios e ruídos, onde foi exibido o filme com o título “5 perspetivas sobre o som”. O primeiro filme do Ciclo de Cinema Urbano, que foi uma sugestão do nosso convidado debatedor, o Sr. Carlos Augusto, traz cinco personalidades, investigadores, compositores, académicos que falam sobre o som, sobre a escuta, sobre os desequilíbrios que ameaçam o ambiente sonoro e o que pode ser feito para restabelecer o equilíbrio perdido.

Esta primeira sessão foi mediada pelo Doutorando Cristiano Pacheco e debatida pelos Doutores Carlos Alberto Augusto e Carlos Fortuna, além da participação do público audiente. Augusto é designer de som e especialista em comunicação acústica e é autor de inúmeros escritos sobre música, artes sonoras e comunicação acústica, com destaque para o livro “Sons e Silêncios da Paisagem Sonora Portuguesa”. Já Fortuna é Professor Catedrático de Sociologia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e coordena os Programas de Mestrado e de Doutoramento em Cidades e Culturas Urbanas. Sua mais recente contribuição, quanto às sonoridades urbanas, foi a participação em capítulo de livro lançado no Brasil, com o título “Tem alguém aí? Sobre a pandemia sonora das outras cidades”.

Os Doutores, articuladores do debate, clarificaram a atenção dada, pelo filme, aos ruídos e aos sons urbanos como uma espécie da sociologia da sensibilidade e, nesse aspeto, pôde-se considerar as sonoridades como uma forma de entender o relacionamento das pessoas com o mundo urbano. Contudo, como relatou Augusto, é necessário fazer a limpeza do ouvido para depois podermos ter consciência da variedade de sons à nossa volta e conseguirmos obter uma melhor receptividade aos sons da cidade. Nessa direção, tal processo foi visto como um procedimento complexo que começa no órgão de audição e termina no cérebro e é nesse aspeto que o ouvinte ganha consciência do som e extrai significado do que ouviu. Portanto, a sessão esteve envolvida no debate quanto às arenas acústicas à nossa volta, em que se tencionou à abordagem dos significados dos sons enquanto instrumentos de pertinência social, mas que dependem da nossa capacidade de estarmos disponíveis para a escuta.

Nesta altura, em um dos pontos altos do debate, os sentidos cognitivos foram colocados, e enfatizados, como um importante e fundamental contributo para a percepção do quotidiano dos espaços urbanos e das pessoas incluídas nesses espaços. Contudo pontuou-se que as pessoas sempre estiveram a viver o império das análises visuais da cidade e dessa forma constata-se a necessidade de perceber cada vez mais o contributo dos demais sentidos, de forma que se possa ter um melhor conhecimento da esfera social, já que superestimar a cultura visual transpõe a sonoridade, marginalizando-a enquanto instrumento de apreensão do lado sensível do urbano. Entretanto, o “sensível” é um dos termos que mais identifica esta sessão, sobretudo quando se aborda que se pode definir a

cidade como um despertar de sentidos em que o som pode ser considerado como o complemento da visão.

É o que o Dr. Fortuna destacou ao considerar a cidade como um conjunto de atributos que está além do que somos capazes de enxergar e ouvir. Ele relata que é justamente a partir do despertar dos sentidos, no caso a audição e percepção da sonoridade, que podemos ter a real dimensão em relação à apropriação da cidade e às suas dinâmicas de uso dos espaços.

Ou seja, a sessão trouxe uma discussão que se engaja diretamente aos elementos sonoros da identidade urbana, sobretudo quando consegue-se observar a diversidade das vivências urbanas a partir da existência do som. Nesse contexto vê-se no filme, Schafer a trazer ao debate a questão da profusão dos sons nas cidades globalizadas. O ambientalista canadense chama a atenção para as marcas sonoras específicas das cidades e que nem sempre são ouvidas de forma consciente, mas que são sons que tornam única a vida do lugar e que são somente notadas pelas pessoas que vivem nesses lugares. Isso me fez relacionar à opinião de Filipe Temtem, um arquiteto português, onde ele considera que a atual paisagem sonora globalizada leva a paisagem da cidade ao aspeto dos não-lugares, isso de forma que os ouvidos passam a ouvir as sonoridades urbanas sem criterizar os estímulos oferecidos pela cidade.

Nessa direção, foram colocadas questões sobre as estratégias da cidade globalizada, em que vêm a trazer com ela uma forma de se estar bem em qualquer lugar com os sons iguais que são encontrados na maioria das cidades mundializadas. Contudo, tal tática parece soar como uma falsa consciência sonora, onde as pessoas talvez estejam insensíveis para a vida auditiva na cidade. É como diz o próprio Carlos Augusto em seu livro “Sons e Silêncios da Paisagem Portuguesa”, que muito do conhecimento do mundo que se passa a nossa volta chega-nos por via do som, mas uma grande parte dessa realidade está a nos escapar porque nos fechamos para os ambientes sonoros que nos rodeiam.

O silêncio também foi abordado no filme, mas destacou-se no debate que fugir do ruído parece ter se tornado praticamente impossível e as pessoas passaram a tentar escapar dos sons indesejados através da individualidade. Com isso tenta-se tolerar alguma acústica social indesejada, forçando a impressão de uma paisagem urbana silenciosa. E nessa direção

pôde-se assumir que o individualismo, típico do mundo urbano, tem um som próprio, como por exemplo, através dos usos dos iphones, celulares e auriculares com alto ruído de fundo e que vêm a produzir uma surdez social e consequentemente o isolamento de todas as arenas acústicas dos arredores. Na realidade é uma atitude de indiferença de extremo individualismo onde se pode desviar a audição de toda sonoridade urbana que desagrada.

Na temática do silêncio ocorreu uma abordagem muito interessante que está ligada às pessoas surdas e que pode ser articulada diretamente com a experiência do lado sensível do urbano e da utilização dos sentidos cognitivos, abordados no filme. Nesse ponto colocou-se a questão da representação da paisagem sonora pelas pessoas surdas, em que eles experimentam o som em seu sentido físico e acústico por meio de seu corpo e dos demais sentidos. Esse é um ângulo de percepção muito interessante, apontada pela Arquiteta Juliana Simili, em que relata a percepção cultural do som pelas pessoas surdas e que está além da audição, pois elas ouvem por meio das interpretações daquilo que veem e sentem. Nessa altura veio à tona o aspecto ritmanalítico de Lefebvre ao considerar o corpo como metrônomo que é capaz de perceber um andamento musical. Um ritmanalista é capaz de ouvir uma casa, uma rua, uma cidade, como se ouve uma sinfonia, pois o corpo consiste em um feixe de ritmos e o ritmanalista invoca todos os seus sentidos, pois ele passa a pensar com seu corpo.

Por fim, clarificou-se que a sessão trouxe ao debate indagações que perspetivam a questão de que todos os sons fazem parte de um campo de possibilidades e o ambiente acústico pode dizer muita coisa a respeito da evolução da sociedade e do ambiente urbano em que ela se encontra. Contudo, percebe-se que hoje o mundo sofre de uma superpopulação de sons e esse aspecto aumenta à medida que a civilização se desenvolve, portanto pode-se questionar para onde o mundo está caminhando nesse sentido. Ou seja, para onde nossas cidades estão acusticamente indo?

Como desfecho foi inevitável falar da atipicidade do ano 2020, causada pela pandemia de covid-19, que assolou o mundo e que pareceu provocar uma reflexão quanto ao pensamento sobre o novo ouvir a cidade e consequentemente um redesenho social urbano. Comparativamente, destacou-se o anterior momento de aglomeração ao redor do globo e que, com a pandemia, surgiu a migração das relações sociais para o ambiente

remoto, alterando consideravelmente as sociabilidades e, conseqüentemente, os sons das cidades. Portanto, como uma forma de estímulo ao pensamento do “novo ouvir a cidade” permaneceu em encobrimento à discussão de forma reflexiva, a questão quanto aos resultados que podem vir a ocorrer às novas paisagens sonoras com o processo pandêmico, sob as mais diversas e diferentes perspectivas. Novos e inusitados cenários podem surgir, pois o silêncio pode passar a se fazer cada vez mais presente e a paisagem possa se mostrar em imagens de uma forma mais repetitiva e calma. Já em outros casos pode-se mostrar cenários mais ruidosos e ainda podem ser descobertos sons que estavam perdidos em meio ao cotidiano agitado da cidade. Contudo, nesse sentido, o professor Fortuna já faz um rico movimento ao debruçar-se sobre a temática das sonoridades urbanas, onde em seu último artigo lançado no Brasil e informado no início da sessão, inclina-se sobre a sensação nostálgica do ar libertador das cidades, bem como do ruído atualmente ausente e silenciado pelo vazio dos espaços das cidades.